



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 78

A casa do vovô

Branca Vianna: Tá começando o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Eu não vou dizer muito sobre a história do episódio de hoje. Até porque ela tem muito a ver com silêncios, e com o peso desses silêncios. Eu só vou dizer que ela começa num lugar muito familiar e vai enveredando por lugares cada vez menos familiares – ou lugares nos quais a gente não quer se reconhecer. E um aviso: essa história contém descrições de violência e uma menção ao suicídio. Quem conta é a Bia Guimarães.

A CASA DO VOVÔ

Bia Guimarães: Nenhuma avó é igual a outra. Nenhum avô é igual ao outro. E é impossível que a casa onde os meus avós moravam seja igual à casa dos seus avós. Mas, de alguma forma, se eu digo "casa de vó", você sabe do que eu tô falando.

Luara de Souza Ferreira: Meu nome é Luara. Eu tenho 38 anos.

Bia Guimarães: Assim como eu – e talvez como você – a Luara de Souza Ferreira passou boa parte da infância dela numa casa de vó e de vô – a dela era na zona norte de São Paulo.

Luara de Souza Ferreira: Eu fui para a casa do meu avô dos seis anos aos 14 anos, todas as tardes.

Bia Guimarães: Os pais dela se separaram quando ela era pequenininha, e ela ficou morando com a mãe. A mãe dela trabalhava fora e não tinha parentes por perto, então a Luara passava as tardes – e às vezes as noites também – na casa dos avós paternos.

Luara de Souza Ferreira: Eu chegava lá, a minha avó já estava fazendo o almoço, o meu vô sentado no sofá, bem tradicional mesmo.

Bia Guimarães: Nem toda casa de vó tem cara de "casa de vó". Mas essa tinha.

Luara de Souza Ferreira: Aquelas casas bem antigas mesmo, da zona norte, com murinho.

Bia Guimarães: Era um sobrado, que tinha uma porta de entrada antiga com uma janelinha pra você ver quem tá ali antes de abrir.

Luara de Souza Ferreira: E você abre a janelinha e fecha. Aí você entra, já tem uma primeira sala...

Bia Guimarães: Nessa primeira sala, tinha um conjunto de sofás cinzas. O piso era coberto por um tapete verde escuro. E mais adiante tinha uma sala de TV.

Luara de Souza Ferreira: Que é onde meu vô ficava, que era onde a gente não podia entrar muito porque ele tava vendo TV, alguma coisa, a gente não podia brincar por lá.

Bia Guimarães: Uma prima da Luara, que tem praticamente a mesma idade que ela, também passava muito tempo ali, na casa dos avós. Não dava pra elas

brincarem na sala de TV, pra não incomodar o avô, mas elas brincavam bastante em outros cantos da casa. Lá tinha uma estante de madeira cheia de livros e a coleção completa da enciclopédia Barsa. E, pra elas, a Barsa era muito divertida. Não, elas não eram crianças prodígio viciadas em ler os "verbetes de A a Z". A graça tava em usar os volumes da enciclopédia pra nivelar a escada que dava pro segundo andar do sobrado. Aí depois elas cobriam a escada com papelão, jogavam um cobertor por cima e – voilà – tava montado um escorregador. Se o lugar cativo do vô da Luara era na sala de TV, o da vó era na cozinha.

Luara de Souza Ferreira: Eu gostava muito de ficar na cozinha com a minha avó.

Bia Guimarães: E essa cozinha... era muito cozinha de vó.

Luara de Souza Ferreira: Era aquele armário azul. Nossa, se eu te mandar uma foto, é aqueles dos anos 60 mesmo. O fogão também era antigo, que era meio verdinho, meio azul, sei lá que abria a asinha, sabe?

Bia Guimarães: Ela e a prima dela ficavam um tempão ali, na cozinha, olhando a avó cozinhar, ajudando em alguma coisa... Ou só atrapalhando, mesmo.

Luara de Souza Ferreira: Eu tenho lembrança dela fazendo panqueca e não é suficiente, porque imagina, duas crianças, você fazendo a panqueca, e a gente comendo a panqueca sem recheio, e ela não dando conta.

Bia Guimarães: Acontecia a mesma coisa com a batata frita. Enquanto a vó ia fritando, as meninas já iam comendo, correndo o risco de não sobrar nada pro almoço. Mas, no fim, sobrava. Talvez a vó já levasse em conta o provável ataque das netas na hora de calcular a quantidade de batata. A Luara lembra muito dos almoços nessa casa. Não só da comida, mas do ritual da hora do almoço. Era quando o avô dela saía da sala de TV e ia pra mesa comer. Ele nunca chegava sozinho. Era como se ele trouxesse junto com ele um certo desconforto que tava sempre pairando pela casa. Era ali, na mesa, que o silêncio dele falava mais alto.

Luara de Souza Ferreira: Meu vô era a ordem total. Então não existia conversa, não tem diálogo.

Bia Guimarães: Ele era um homem rígido, fechado. O mais alto poder da casa, e o dono da palavra final. E, quando ele tava por perto, tudo mudava.

Luara de Souza Ferreira: Sabe aquela pessoa que, mesmo quieta, entra num ambiente e todo mundo pára? Tipo assim "o quê? Qual é o próximo passo? O que que ele quer nesse momento?" E, se ele pedir, a gente corre.

Bia Guimarães: A Luara amava o avô dela, mas era um amor misturado com medo.

Luara de Souza Ferreira: Eu gaguejava pra falar com o meu avô.

Bia Guimarães: A atmosfera daqueles almoços era muito diferente da que ela sentia quando ela tava com a mãe dela, ou com a família da mãe dela. Do outro lado, tinha muita conversa, as pessoas falavam da vida, dos sentimentos... Tinha gente rindo, brincando... ou mesmo brigando. Coisa de família. Perto do avô paterno, ela sentia que não tinha muito espaço pra isso.

Luara de Souza Ferreira: Aquilo era tão desconfortável, que eu começava a secretamente tirar itens da mesa. Então: "Ah, o pessoal comeu salada, eu vou tirar a travessa, a colher...", e aí eu ia tirando devagarzinho para encerrar o almoço. Tipo: "Gente, vamos, eu preciso voltar pra minha vida de criança".

Bia Guimarães: Quando a Luara pára pra reprisar essas memórias da infância, ela não enxerga muitas cenas de afeto com o avô. Momentos de carinho, de abraço, de brincadeiras. Com a prima dela era um pouquinho diferente.

Luara de Souza Ferreira: A minha prima insistia muito. E ela era que ia mesmo abraçar meu vô na força, que subia no colo dele.

Bia Guimarães: O avô era diabético, e teve que amputar uma perna por causa da doença. Como ele passava muito tempo deitado ou sentado, as costas dele ficavam com escaras. E a Luara lembra de ver a prima limpando e cuidando dos ferimentos do avô.

Luara de Souza Ferreira: Mas eu acho que a única vez que eu vi essa coisa quebrar foi entre ele e a minha prima.

Bia Guimarães: Elas até brincavam de falar que o avô era de uma, e a avó era da outra. Mas, mesmo pendendo mais pro lado da avó, a Luara se sentia cuidada pelo avô, de alguma forma. Ou pelo menos ela sentia que ele tinha um senso de responsabilidade sobre ela.

Luara de Souza Ferreira: O meu vô ficava nervoso que meu pai não queria participar da minha vida.

Bia Guimarães: Era o avô quem cobrava que o filho dele, o pai da Luara, cumprisse minimamente o papel que ele tinha na vida dela. Uma vez ela teve que ser internada por causa de uma nefrite, e ficou com muito medo. Mesmo o hospital sendo perto, o pai dela não foi visitar.

Luara de Souza Ferreira: E eu lembro de eu ligar para o meu vô chorando, falando que eu não queria ficar lá, e tudo mais...

Bia Guimarães: Depois de um tempo, o pai dela apareceu. E ela soube que o avô é que tinha mexido os pauzinhos.

Luara de Souza Ferreira: Ele falou assim: "Olha, se você não for ver sua filha agora, você não entra mais na minha casa".

Bia Guimarães: As lembranças que a Luara tem daqueles tempos e daquela casa são assim, agrídoces. Tinha o silêncio incômodo, tinha o medo da figura rígida do avô, mas também tinha as estripulias com a prima, os momentos gostosos na cozinha... Foi uma infância boa.

Bia Guimarães: Mas então não era ruim ficar na casa deles. Você conta desses momentos de desconforto, mas não era ruim.

Luara de Souza Ferreira: Não era ruim. Era uma casa que eu ia todo dia e que pra mim era a minha vida, aquilo ali. Por isso que pra mim é muito difícil.

Bia Guimarães: É sempre curioso dar de cara com alguma coisa que faz a gente se dar conta que os nossos avós tiveram um passado antes de serem os nossos avós. Isso mesmo depois que a gente cresce. Quando a gente é criança ou adolescente, então, isso é ainda mais esquisito. A gente encontra uma foto antiga deles e leva um susto. A gente lembra que eles foram jovens, que eles tiveram namoricos, que eles usavam roupas diferentes, que eles tinham o penteado da moda, que eles tiveram outra vida antes da nossa vida. No caso da Luara, esse lembrete não veio do fundo de uma gaveta, ou de um álbum velho de fotografias.

Luara de Souza Ferreira: Eu acho que eu comecei a "nossa, o que tá acontecendo?" por conta da morte dele.

Bia Guimarães: O avô da Luara morreu no ano 2000. Ela tinha 15 anos.

Luara de Souza Ferreira: E o velório foi uma coisa surreal, surreal, surreal mesmo.

Bia Guimarães: O avô dela quase não saía de casa, não recebia visita de amigos, nem nada do tipo. A última coisa que ela esperava é que o velório dele fosse tá lotado do jeito que tava. E lotado de gente que ela nunca tinha visto na vida.

Luara de Souza Ferreira: Muita gente de preto, terno e gravata. Nítido que era polícia, assim, nítido. Aquela presença grande.

Bia Guimarães: Gente da polícia. Ela sabia que o avô tinha sido delegado da polícia. Aliás, essa era uma das poucas coisas que ela sabia sobre a vida passada dele. Praticamente a única coisa que fazia ele sair de casa depois de aposentado eram os encontros na Associação dos Delegados de Polícia. Mas, mesmo assim, pra ela, era estranho ver aquele tanto de gente ali. O peso daquele velório.

As coisas ficaram ainda mais esquisitas na hora de ir do velório pro enterro. Ela lembra de tá com a mãe dela, a caminho do cemitério, quando ela percebeu que o

carro delas e os dos outros familiares tavam sendo escoltados por carros da Polícia Civil.

Luara de Souza Ferreira: E eu estava do lado da minha mãe e eu virava pra ela e falava assim: "Mas como que eles sabem que a gente é da família?" "que que está acontecendo?" Eu olhava para a minha mãe e falava assim "quem são essas pessoas?" Tipo, sabe aquele susto de você falar "como eu estou sendo escoltada?"

Bia Guimarães: Acho que vale falar aqui que não é uma coisa tão rara assim o funeral de um delegado, ou de um policial, virar um evento. Claro que, no geral, quanto maior a importância da pessoa, maior a cerimônia. Mas, tanto na polícia civil como na militar, existe esse costume dos colegas irem em peso no enterro de gente que fez parte da corporação. A Luara não sabia disso – e mesmo se soubesse, não deixa de ser uma coisa que impressiona. Ela tava num misto de tristeza, de luto pela morte do avô, e de curiosidade. Ela queria entender quem tinha sido aquele homem pro velório dele atrair tanta gente, tanta deferência. Ela queria entender quem tinha sido... o avô dela.

Luara de Souza Ferreira: E aí a minha mãe começou a soltar algumas coisas para mim. E aí foi quando ela falou assim: "Lu, teu vô é o Raul Ferreira Pudim".

Bia Guimarães: Essa frase nunca mais saiu da cabeça da Luara. Mas demorou um tempo pra ela entender o que isso realmente significava. Na verdade, talvez ela teja tentando entender até hoje.

O que a Luara começou a descobrir depois do enterro do avô é que ele não só tinha tido uma outra vida antes da vida dela, mas que ele tinha um apelido que ela não conhecia. Um apelido que vinha sempre junto do cargo dele: Delegado Pudim. Sim, "Pudim", que nem a sobremesa. A Luara não tem ideia de onde veio esse apelido, e eu também não consegui descobrir.

Naquele momento, de novo, ela tinha só 15 anos, e a internet não tava tão na palma da nossa mão como tá hoje. A mãe da Luara não sabia quase nada sobre o ex-sogro pra além de que ele tinha sido uma figura importante na polícia. E, naquela

altura, a conversa ficou por ali. Mas, ao longo do tempo, a curiosidade da Luara voltava, e ela ia pescando informações aqui e ali sobre o avô dela. Ela leu que ele tinha sido delegado do DOPS durante a ditadura, na virada dos anos 60 pros anos 70. Que ele tinha feito parte da equipe de um dos nomes mais famosos do DOPS de São Paulo naquela época, a do delegado Sérgio Paranhos Fleury.

Luara de Souza Ferreira: Os braços direitos do Fleury era meu vô...

Bia Guimarães: Que essa equipe era conhecida pela crueldade e pelos casos de tortura contra os opositores do regime militar. Que eles tinham tramado e colocado em prática a emboscada que resultou no assassinato do Carlos Marighella, em 69. Que uma parte desses homens formava o Esquadrão da Morte, um grupo paramilitar – formado principalmente por policiais – que perseguia e até matava pessoas que eram consideradas perigosas naquele contexto.

Luara de Souza Ferreira: E o meu avô fazia parte.

Bia Guimarães: A Luara tinha aprendido na escola sobre a ditadura, sobre a perseguição política... mas era tudo meio superficial e distante. Eram alguns parágrafos no meio de um livro de história que tentava dar conta de vários capítulos importantes da história do Brasil e do mundo. Agora ela tava enxergando um fio ligando o avô dela – com quem ela tinha convivido a infância inteira e parte da adolescência –, um fio ligando ele a um dos períodos mais sombrios do passado do país. E o avô dela parecia ter sido uma parte importante dessa história. Não importante o suficiente pra ter ficado tão conhecido quanto o Fleury, e pra você dizer "Raul Ferreira, o Pudim" e todo mundo saber de quem você tá falando. Mas importante o suficiente pra figurar em alguns dos momentos mais marcantes da ditadura, e pra ter ficado na memória de quem teve o azar de cruzar o caminho dele.

Aquele homem com quem ela assistia TV na sala, e com quem ela almoçava junto quase todo dia, o dono daquela casa de vô onde ela tinha vivido tanta coisa, esse homem era, possivelmente, alguém que torturava pessoas. Ou que mandava torturar. Ou que – no mínimo – tava presente enquanto gente era torturada.

Luara de Souza Ferreira: Foi uma coisa que pra mim era muito ambivalente. Era assim: como que eu amo uma pessoa – e será que eu amo? – e como é

que eu vou, ao mesmo tempo, ser agradecida por tudo o que foi me oferecido – porque eu tive uma infância muito boa – e ao mesmo tempo crescer e ver que os valores são tão diferentes dos meus?

Bia Guimarães: Essas descobertas não eram fáceis de digerir. E elas trouxeram pra Luara um misto de sentimentos muito grande e muito pesado. Vergonha, culpa, estranhamento, dúvida... obsessão pela história do avô. Só que essas coisas não vieram todas de uma vez. Elas vinham em ondas mais ou menos fortes, em diferentes fases da vida dela.

Luara de Souza Ferreira: Eu lembro uma vez que eu fui num bar, eu era bem nova também, sei lá, 18, 19... E aí eu fui pra um bar, que é um bar bem, tipo, bem político mesmo, "somos de esquerda". E eu lembro que o dono do bar era um cara bem mais velho e tal, e aí eu resolvi falar pra ele que... que eu era neta do Pudim tal. E ele viveu mesmo a ditadura. E eu lembro nitidamente de eu virar pra ele e falar assim: "Não, tudo bem eu sei que existiu torturas e tudo mais, mas pelo menos eles não eram corruptos". Eu falei isso pra ele. Como se fosse pior, entendeu?

Bia Guimarães: "Como se fosse pior", porque hoje em dia ela entende que não é. Sem querer passar pano pra corrupção, porque a gente sabe que os danos causados pela corrupção são enormes. Poucas coisas são mais perversas do que usar o poder pra se apropriar de recurso público. Usar o poder pra perseguir, torturar e matar talvez seja uma dessas poucas coisas piores.

A Luara sabe disso hoje. E ela sabe também que nessa comparação "do que é pior" mora uma falácia: a de que não tinha corrupção na ditadura. E isso ela ouviu pela primeira vez ali, do dono do bar. Ele disse que podia ser que o avô dela nunca tivesse se metido diretamente com corrupção, mas que hoje em dia já se sabe que tinha muita maracutaia na economia naquela época. O que não tinha era investigação.

A Luara tem vergonha só de lembrar dessa conversa hoje, duas décadas mais tarde. Mas é importante ter em mente que ela tinha menos de 20 anos, que ela tava começando a sair do ambiente familiar... e que, naquela altura ela ainda tava também começando a traçar o limite do que que é ela e do que que é a família dela,

o que que era o avô dela. E, nesse ânsia de se diferenciar, de alguma forma ela tava entendendo que a tortura respingava menos na vida dela do que a corrupção.

Luara de Souza Ferreira: De, tipo assim, a tortura tá escondida, eu não faço parte. Alguém saía da minha casa e ia lá para fazer isso e eu não faço parte disso. E quando você fala em corrupção, você faz parte. Porque você fala assim: "Bom, se tinha corrupção, eu me beneficieei de alguma coisa".

Bia Guimarães: Os filhos e os netos dos corruptos herdam a grana. Os filhos e os netos dos torturadores herdam o quê? No cálculo da Luara de 18, 19 anos... nada. Não herda nada. Tipo: "Sai pra lá que esse B.O. não é meu". Bom, hoje ela sabe que não é tão simples assim, né? Ou a gente não taria aqui falando disso.

Na medida em que a Luara ia montando esse quebra-cabeça, foram aparecendo algumas peças específicas que mexiam – e mexem – demais com ela, pra além da violência geral do regime militar. Primeiro, tinha a história da bíblia.

Luara de Souza Ferreira: E aí eu lembro que a primeira coisa que eu li foi tipo sei lá, "Seu Raul Pudim se vestia de padre, ia com a bíblia na mão dando as sentenças nas celas do Deops".

Bia Guimarães: A Luara lembra de ter lido isso num artigo na internet, que depois ela não conseguiu achar mais. Mas era um relato de quando a equipe da qual o avô dela fazia parte fez uma operação pra prender um grupo de frades acusados de terrorismo em 1969. Esses frades eram suspeitos de serem envolvidos com a ALN – a Aliança Libertadora Nacional, um grupo de luta armada que agia contra o regime militar. O artigo dizia que o Pudim ficava andando pelas celas do DOPS vestindo uma batina e segurando uma bíblia na mão, pra debochar dos religiosos que tavam presos ali. Uma outra história que ela leu era sobre a noite em que o Marighella foi assassinado pela polícia. E de como essa notícia chegou ali, no DOPS de São Paulo.

Luara de Souza Ferreira: "Quando o Marighella foi assassinado, a primeira pessoa que veio avisar a gente nas celas foi o Pudim. E aí ele fala: 'Olê, olá, Marighella, se fudeu foi no jantar'" – e foi assim que os presos ficaram sabendo.

Bia Guimarães: O Pudim teria cantado isso. "Olê, olá, Marighella se fodeu foi no jantar". Essas eram algumas das poucas cenas mais detalhadas que apareciam quando ela pesquisava o nome do avô. E nas duas, a imagem que a gente tem é de um homem que fazia deboche em pleno cenário de medo e violência. Que colocava o escárnio lado a lado com o terror. Que deu a notícia de que a polícia tinha assassinado uma pessoa... cantando.

Bom, isso pode até dar um embrulho no estômago, mas não é exatamente surpreendente, né? São cenas até coerentes quando a gente pensa na repressão da ditadura, no abuso de poder... Isso também não seria surpreendente pra Luara se a gente tivesse falando de um delegado abstrato. De um homem desconhecido. A questão é que, pra ela, essas histórias eram como rachaduras que ameaçavam botar abaixo uma vida inteira. Uma coleção de memórias inteira. Uma casa inteira. Ela lia tudo aquilo e não enxergava o avô dela ali.

Luara de Souza Ferreira: Quão diferente é essa pessoa que eu conheci? Quão diferente ela é nessa outra vida que ela teve?

Bia Guimarães: A Luara nasceu em 85, o ano em que a ditadura acabou. O homem que ela conheceu era um senhor aposentado, com problemas de saúde, que passava a maior parte do tempo sentado assistindo TV. Um homem fechado, rígido, moralista, que não era de fazer piada, que não falava palavrão, que não chegava na mesa do almoço cantando. Mas que aparentemente fazia isso nos corredores do DOPS.

O avô da Luara – o Raul – e esse outro homem – o Pudim – começaram a habitar a cabeça dela como duas pessoas diferentes. Separadas não só pelo tempo, mas também pelo espaço. Um pertencia àquela casa de vô e de vó; o outro pertencia às salas de tortura. E quando ela tentava fazer perguntas pra família dela que ajudassem a traçar um paralelo entre um e outro... ela não era bem recebida.

Luara de Souza Ferreira: Pelo meu pai, zero bem recebida. A minha prima não queria falar sobre o assunto...

Bia Guimarães: Ou ela era barrada por uma espécie de negação...

Luara de Souza Ferreira: "Imagina, quem? Qual a fonte?"

Bia Guimarães: Ou, pior, ela se deparava com um pensamento de que o avô dela tinha sido uma figura heroica, que tinha dado duro pra "defender a pátria".

Luara de Souza Ferreira: Então, hoje, se você perguntar pro meu pai, ele vai falar a mesma coisa, que a ditadura é maravilhosa...

Bia Guimarães: A Luara nunca chegou a entrar muito nesse assunto com a avó dela, que ela vê mais como uma vítima nessa história toda. A própria avó não costumava falar muito do marido. Quando a Luara perguntava sobre ele, a avó só dizia que sentia falta dele, mas que ele tinha feito coisas ruins pra ela. E parava por aí. Ninguém mais ali parecia tá interessado em passar o passado a limpo do jeito que a Luara tava tentando fazer. Muito pelo contrário.

Luara de Souza Ferreira: Então era um assunto que eu sabia que não podia falar, sabe?

Bia Guimarães: Era como se aquele desconforto do silêncio e da falta de liberdade pra se expressar, que ela sentia na infância, ainda tivesse rondando a família, mesmo depois da morte do avô. E isso aparecia não só quando o assunto era a ditadura ou essas perguntas sobre o Pudim. Era uma barreira que tava sempre ali. Ao longo do tempo, a Luara só foi ficando mais desconfortável quando ela tinha que se encontrar com a família do lado do pai dela. As opiniões políticas deles, as piadas inadequadas, o modo de encarar o mundo... Ela se sentia um peixe fora d'água ali.

Luara de Souza Ferreira: A partir do momento que eu comecei a crescer e ter opiniões, eu não conseguia ficar mais nesse quadrado, sabe? E aí eu descobri que, não estando nesse quadrado, eu não ia ser amada como eu era antes.

Bia Guimarães: Um dos poucos motivos que faziam a Luara continuar frequentando a família paterna depois de adulta era o irmão dela. Ele nasceu

quando ela tinha oito anos, e era filho de outro casamento do pai dela. O irmão dela também não se sentia pertencente àquele lugar.

Luara de Souza Ferreira: A gente tinha um relacionamento secreto. A gente falava sobre a família e o quanto doía pra gente a gente se sentir estranho. Então, inclusive, quando a gente ia para a casa do meu pai ou para algum almoço de família e tal, a gente tinha que combinar tipo "olha, vamos fazer o seguinte, a gente chega lá, conversa com todo mundo, e aí a gente fica lá no quintal fumando um cigarro, eu e você".

Bia Guimarães: Era com ele que a Luara podia compartilhar esse incômodo. O desconforto de fazer parte de uma família com a qual você não se identifica. Só que, três anos atrás, o irmão dela morreu, por suicídio. Ele tinha 27 anos. Foi aí que uma daquelas ondas pegou a Luara mais forte.

Luara de Souza Ferreira: Eu fiquei mais obcecada com essas coisas, porque eu acho que é uma coisa que você fica tentando entender o porquê, por que que aconteceu. É uma coisa que você entra naqueles estágios, mesmo, de negação, depois você fica com raiva e tudo mais. E eu acho que eu entrei num choque tão grande que eu espelhei essa culpa falando assim: "Também com um vô desse, com um pai desses". Então eu comecei a entrar numa negação e surtar mesmo. Então eu comecei a ter um comportamento obsessivo de procurar coisas sobre o meu vô pra tentar entender a influência...

Bia Guimarães: Não é que a Luara tava achando que o irmão dela tinha se suicidado por causa do avô, ou por causa da "herança" que ele deixou na família. Não era isso. Suicídio é uma coisa muito complexa que raramente tem uma razão só, ou uma causa simples de encontrar.

Mas ela não conseguia não pensar no impacto que aquele ambiente de silêncio e de rigidez podia ter tido no irmão dela. E, depois da morte do irmão, mais do que nunca, a Luara tava ouvindo aquelas perguntas gritando dentro da cabeça dela. Uma urgência de descobrir tudo o que fosse possível sobre o avô, de tentar entender por que ele fazia o que fazia... E, acima de tudo, de entender qual era a distância entre ele e o Delegado Pudim.

Luara de Souza Ferreira: É, qual é a distância. É isso. E eu acho que tem esse sentimento de que às vezes eu acho que eu sou louca. Não agora, mas antes. Sabe quando você fala: "Não, acho que eu sou louca. Gente, não é possível". Sabe quando você fala assim: "Não é possível que aquela pessoa é aquela outra". Uma dualidade mesmo. Assim, qual é a distância? Eu acho que algumas histórias iam me chocar mais que as outras, mas eu também não sei até que ponto, eu não sei também, se eu estou em negação, sabe? Se isso vai ser muito pra mim.

Bia Guimarães: Eu saí dessa minha primeira conversa com a Luara com duas missões. A primeira era revirar o passado, pra tentar encontrar mais peças desse quebra-cabeça, e pra pintar com um pouco mais de detalhes aquelas histórias que tanto mexiam com ela – como aquela da batina e a da notícia da morte do Marighella. E a segunda missão parecia um pouco mais difícil. Tentar estimar essa distância entre os personagens. Esticar uma fita métrica entre aquela casa de vó e o prédio do DOPS.

Quando você joga "Raul Ferreira Pudim" no Google, alguns dos primeiros resultados que aparecem são de uma página do Facebook chamada "Memória da Polícia Civil de São Paulo". São fotos dele ao lado de investigadores e de outros funcionários da polícia na década de 70. Uma das legendas diz: "o saudoso Delegado Raul Ferreira, carinhosamente conhecido pelos amigos como Dr. Raul Pudim". Nos comentários, tem coisas como: "esses eram fodões!" e "bons tempos".

Outro resultado que aparece logo de cara é um documento de 1975 publicado pela Comissão da Verdade do Estado de São Paulo. Nele, tem uma lista feita por presos políticos da ditadura com nomes de policiais e militares que teriam participado diretamente de sessões de tortura. No número 26, aparece: "Delegado de Polícia Raul Ferreira "Pudim" - da Delegacia de Ordem Social do DEOPS/SP no período de 1969/1970. É tido como membro do Esquadrão da Morte". Esse mesmo documento lista os principais métodos de tortura que eram usados pelos órgãos repressivos na época. "Pau-de-arara", "Choque elétrico", "Afogamento", "Sessão de Karatê ou Corredor Polônês", "Churrasquinho", "Violação sexual"... Isso só pra citar alguns, porque a lista não é pequena. É estranho – pra dizer o mínimo – você encontrar

"bons tempos" e "choque elétrico" em dois resultados que partiram da mesma busca. Estranho, mas – de novo – nada surpreendente.

Passando pelos próximos achados da pesquisa, não demora pra aparecer aquelas duas histórias que encucaram a Luara: a da batina e a da notícia sobre a morte do Marighella. As duas cenas, na verdade, fazem parte de um mesmo capítulo da ditadura no Brasil. Esse capítulo tá contado no livro "Batismo de Sangue", escrito pelo Frei Betto, que depois foi adaptado pro cinema pelo diretor Helvécio Ratton. "Batismo de Sangue" conta a história de um grupo de frades dominicanos que apoiaram e participaram de movimentos contra a ditadura. Fala de como eles ajudavam a ALN e o Marighella, e do esquema que alguns deles montaram, especialmente o Frei Betto, pra ajudar perseguidos políticos a saírem do país.

[Cena do filme Batismo de Sangue]

Frei Betto: Mas o nosso papel é só na retaguarda...

Bia Guimarães: Até que a polícia descobre tudo isso, e começa aquela que ficou conhecida como a "Operação Batina Branca". No dia 2 de novembro de 69, a equipe do delegado Fleury invadiu o Convento dos Dominicanos, no bairro de Perdizes, em São Paulo, e prendeu vários frades. Nesse mesmo dia, outros dois frades que tavam numa viagem no Rio de Janeiro foram pegos pelo DOPS.

[Cena do filme Batismo de Sangue]

Frei Ivo: Pra onde vocês estão nos levando?

Policial: Pra conhecer o Papa.

Bia Guimarães: O "Papa", nesse caso, era o delegado Fleury, que no filme é interpretado pelo Cássio Gabus Mendes.

[Cena do filme Batismo de Sangue]

Fleury: Tira a roupa.

Bia Guimarães: O que a polícia queria era usar os frades pra conseguir o máximo de informações possíveis sobre o funcionamento da ALN. E pra tentar arrancar deles o paradeiro do Marighella – que naquele momento era o homem mais procurado do Brasil. Pra isso, eles iam usar os métodos "da casa".

[Cena do filme Batismo de Sangue]

Fleury: Cadê o Marighella, porra?

Bia Guimarães: Quem interpreta o delegado Raul Ferreira, o Pudim, é o ator Renato Parara. Apesar de ele não ser um dos personagens de maior destaque no filme, a figura dele é bem marcante. Ele é impaciente, ele xinga, ele debocha. Na cena em que um dos frades – o Frei Fernando – tá sendo torturado no pau-de-arara e levando choques, o Pudim tá ali, do lado, só esperando ele ficar completamente sem forças, machucado o suficiente pra revelar o caminho até o Marighella.

[Cena do filme Batismo de Sangue]

Pudim: Fala de uma vez, fala seu bosta!

Bia Guimarães: No livro, o Frei Betto conta que o Pudim "tinha predileção por sevirar mulheres".

[Cena do filme Batismo de Sangue]

Mulher: Pudim me colocou no pau-de-arara de novo. Mas não foi só isso.

Bia Guimarães: No relatório do Brasil Nunca Mais, que foi publicado em 85, entre vários relatos de gente que foi torturada por diferentes equipes de policiais e militares durante a ditadura, tem o de uma mulher de 29 anos:

"dependurada por 2 horas e meia no pau de arara, teve cigarros apagados na planta de seus pés e foi submetida a afogamentos – água pelas narinas. Recebeu choques na vagina e nos seios. Torturadores: equipe do delegado Raul Ferreira, ou Pudim."

Bia Guimarães: Aquela história do Pudim andando pelas celas do DOPS usando uma batina, pra debochar dos religiosos que tavam presos ali, não aparece no livro nem no filme "Batismo de Sangue". Mas ela tá na biografia do Fleury, que foi lançada no ano 2000 pelo jornalista Percival de Souza. O livro chama "Autópsia do Medo". Lá conta que, na hora que a polícia invadiu o Convento dos Dominicanos pra

prender os frades, o Pudim teria roubado uma batina de lá. E que depois, já no DOPS, ele teria vestido essa batina pra conversar com os presos. Diz que ele teria até lido trechos de um missal em latim "convidando" os frades a se "confessarem". Ou então eles seriam obrigados a tomar uma "hóstia especial do DOPS". Já aquela outra cena que também revelava a face debochada do Pudim, essa sim aparece no filme.

Foi na noite de 4 de novembro de 1969. Depois de serem torturados fisicamente e psicologicamente, dois frades – o Frei Ivo e o Frei Fernando – foram forçados pela equipe do Fleury a participarem de uma emboscada pra capturar o Marighella. Foi na Alameda Casa Branca, em São Paulo, que a polícia assassinou o líder da ALN.

[Cena do filme Batismo de Sangue]

Fleury: Marighella! [som de tiros]

Bia Guimarães: E aí o filme mostra como essa notícia chegou no DOPS. Na forma daquela música.

[Cena do filme Batismo de Sangue]

Policiais cantando: Olê, olá, o Marighella se fodeu foi no jantar.

Fleury: Matamos o chefe de vocês!

Bia Guimarães: Só que, na cena, o Pudim não tá cantando sozinho. A equipe inteira tá cantando. O Fleury e os homens dele tão todos ali, rindo, comemorando, enquanto mostram pros presos as fotos do Marighella morto. Mas existem outros registros desse momento que, de fato, colocam o Pudim como protagonista. O jornalista Alípio Freire, que também tava preso no DOPS, já disse numa entrevista que quem desceu as escadas cantando, com as fotos na mão, foi o Pudim. Talvez tenha sido esse o relato que a Luara encontrou nas pesquisas dela.

Outra pessoa que tava ali naquela noite, atrás das grades, era o Frei Tito, que depois acabou se tornando um dos símbolos da luta contra a tortura. Depois da passagem pelo DOPS, ele foi mandado pro presídio Tiradentes, e ainda foi torturado pela equipe da Operação Bandeirantes, que deu origem ao DOI-CODI. O DOI-CODI foi um órgão de repressão ligado ao exército brasileiro. Tinha quem chamasse ele de "o açougue da ditadura" ou então por outro apelido, dado pelos próprios agentes

que trabalhavam lá. "Casa da vovó". Não existe uma explicação elaborada pra esse nome, mas provavelmente tem a ver com a ideia de um lugar da onde você sente saudade. Os agentes do DOI-CODI diziam que "lá é que era bom", na "casa da vovó". "Bons tempos..." Mesmo depois de solto e já exilado fora do Brasil, o Frei Tito nunca se recuperou de fato do que aconteceu com ele. Ele foi atormentado por memórias e alucinações de tortura pro resto da vida. Nesse ano, 2024, tá fazendo 50 anos que o Frei Tito se suicidou.

Eu confesso que a segunda parte da minha missão – aquela de medir a distância entre o avô da Luara e o delegado Pudim –, essa parte não foi tão difícil quanto parecia que ia ser. Na verdade, naquela primeira conversa com a Luara, ela já trouxe uma pista de onde procurar essa resposta. Era uma outra história que ela tinha lido, mas que ela não tinha certeza se era do avô dela que tavam falando.

Luara de Souza Ferreira: Que é uma história tipo, bem nessa época da época do meu avô tal, de um cara que estava sendo transferido, um preso político que estava sendo transferido...

Bia Guimarães: Esse preso ia ser transferido pro Rio Grande do Sul por um delegado do DOPS de São Paulo. Só que, antes de pegarem estrada, eles teriam parado na casa do delegado que tava cuidando dessa transferência.

Luara de Souza Ferreira: E aí ele fala que entrou no carro e ele parou numa casa na zona norte, e ele descreve um pouco a casa. E eu fico assim: "Hm, será?" Pode ser a casa da minha avó.

Bia Guimarães: Então eles teriam saído do carro e entrado na casa. Com o prisioneiro junto.

Luara de Souza Ferreira: Que uma senhora, que era a esposa de um deles, trouxe café e bolo, e eles sentaram na mesa e começaram a conversar. E esse cara falando histórias do tipo: "Como que pode alguém te levar pra tua casa, te sentar, vir uma mulher te oferecer uma xícara de café e um bolo, e ver uma pessoa provavelmente toda roxa ou sei lá, fisicamente ou emocionalmente abalada ali, e continuar tomando um bolo e um café. E a

vida continua". Eu não sei se é meu vô, mas pela descrição parece. Mas é louco eu pensar que pode ser.

Bia Guimarães: Todas as outras histórias que a Luara tinha lido davam margem pra ela imaginar dois personagens distintos. O avô com quem ela conviveu, e o delegado de polícia. Um pertencia àquela casa de vô, o outro pertencia ao DOPS. Mas se essa história fosse mesmo sobre ele, essa suposta fronteira poderia cair por terra. No texto que ela lembrava de ter lido, não tinha o nome do delegado.

Frei Betto: Alô, Bia?

Bia Guimarães: Oi, Frei Betto, como é que tá? Tudo bem?

Bia Guimarães: Mas essa história também tá contada no livro do Frei Betto, "Batismo de Sangue". O preso que tava sendo transferido naquele dia era o Padre Marcelo Carvalheira.

Frei Betto: Que o Padre Marcelo Carvalheira – que era assessor de Dom Hélder Câmara, então arcebispo de Olinda e Recife – havia sido preso comigo em Porto Alegre e fomos juntos trazidos para São Paulo.

Bia Guimarães: Só que no começo de dezembro de 69, como a Justiça não tinha achado nada que justificasse a prisão do Padre Carvalheira, ele já tava pra ser solto. E, pra isso, ele precisava ser levado de volta pra Porto Alegre, já que ele tinha sido preso lá. E aí...

Frei Betto: Coube ao Pudim levar o padre Marcelo Carvalheira de volta a Porto Alegre num carro policial.

Bia Guimarães: O Padre Marcelo Carvalheira já morreu. Mas o Frei Betto conta que o delegado – que tava acompanhado de outro parceiro da polícia – botou ele num carro com outros dois presos que também iam ser transferidos. E que, realmente, eles não pegaram a estrada direto. Primeiro o carro se embrenhou por um bairro de classe média, e parou na frente de uma casa. Nessa hora, os policiais teriam tirado as algemas do Padre Carvalheira e convidado ele pra descer do carro. Ele não sabia do que se tratava, não tava entendendo nada. Até passou pela

cabeça dele que aquele poderia ser um lugar secreto, onde os policiais praticavam mais torturas. Mas, não. Aquela era a casa do delegado. Ele tinha resolvido passar lá antes da viagem pra pegar alguma coisa que tinha esquecido, ou talvez pra se despedir da família.

Frei Betto: E o Marcelo se deparou com uma cena absolutamente bizarra. Aquele torturador notório, um homem ligado ao Esquadrão da Morte, enfim vivia ali com uma família, crianças... e havia um lanche preparado pra eles.

Bia Guimarães: Isso foi em 69, mais de quinze anos antes da Luara nascer. Se essa era mesmo a casa dos avós dela, essas crianças, então, seriam o pai e a tia dela. O padre ficou confuso quando eles foram recebidos por aquela família. Tinha bolo e café na mesa, e ele foi convidado a se sentar e tomar o lanche também. Só pra lembrar, ele já tava em vias de ser solto. Então até que faz sentido que os policiais não tivessem mais tratando ele como os outros prisioneiros. E vale falar também que, segundo o Frei Betto, o Padre Marcelo Carvalheira não chegou a ser torturado no DOPS naquela ocasião, ele só tinha passado por interrogatórios e pela pressão dos agentes da polícia. Bom, ele podia não tá roxo, com hematomas, mas ele tinha vivido a atmosfera do DOPS. E ele sabia que outras pessoas ali, nas celas, tinham sido torturadas por aquela equipe de policiais. E agora ele tava ali, dividindo a mesa do lanche com alguns daqueles caras. Entre eles, o delegado Pudim. Ele não conseguia entender como esse homem, o dono da casa, o marido daquela mulher e pai daquelas crianças, podia coexistir com aquele outro homem. O livro do Frei Betto fala assim:

"O homem que se deliciava em maltratar mulheres, pelo perverso prazer de vê-las nuas, gemendo indefesas em suas mãos, agora ajudava a esposa a servir o café e brincava com o filho menor no colo."

O filho menor, aliás, seria o pai da Luara. Mas continuando a citação do Frei Betto:

"O poder é capaz de dividir assim as pessoas? Deus e o diabo disputam um mesmo ser?"

É difícil cravar com certeza absoluta que essa história tenha acontecido na casa do Pudim, na casa dos avós da Luara. O que a gente tem sobre isso é o relato do

Padre Carvalheira, que foi registrado pelo Frei Betto, e um documento do DOPS que atesta que, de fato, foi o delegado Raul Ferreira que ficou responsável por escoltar o padre até Porto Alegre naquele dia. Mas, claro, o documento não fala nada desse desvio de rota. Nesse mesmo documento do DOPS, tem os nomes dos outros dois presos que tariam nessa mesma transferência. Um deles já morreu, e o outro não respondeu a minha tentativa de contato. O que a gente pode dizer é que é muito provável que, sim, que essa história tenha se passado naquela "casa de vó" que eu te descrevi mais cedo. E onde a Luara iria passar muito tempo da vida dela, anos depois.

É muito mais fácil a gente entender as coisas quando elas tão separadas em caixinhas, né? É muito mais fácil a gente processar a violência e a perversidade quando tem uma barreira separando ela da vida comum, das cenas cotidianas. Existem mãos que torturam e existem mãos que fazem cafuné no filho. Junta as duas coisas e, pronto, a gente tem a receita pra uma das grandes questões da humanidade.

Talvez você tenha visto o filme "Zona de Interesse", que concorreu ao Oscar de Melhor Filme Internacional neste ano. É um filme que se passa numa casa bonita, cercada por muitas flores, com crianças brincando por todo lado... e que, mesmo com tudo isso, não podia ser mais assustador. Ou justamente por causa de tudo isso. Aquela casa é a do comandante de Auschwitz, praticamente colada num campo de concentração. Acho que poucas coisas são mais perturbadoras do que ver a vida normal acontecendo, alguém cuidando de um jardim com muita dedicação e delicadeza, enquanto do outro lado do muro tem pessoas sendo torturadas e mortas. São conflitos que ficam mais evidentes nas guerras, claro, mas que tão por toda parte. A gente se pega procurando fronteiras entre as coisas, entre os mundos, até perceber que elas não existem. Ou que elas são nada mais do que um muro de concreto.

Bia Guimarães: Mas a minha ideia era a gente fazer um balanço dos achados e...

Bia Guimarães: Eu tava nervosa pra falar com a Luara de novo. Pra gente conversar sobre os achados dessa busca.

Luara de Souza Ferreira: No dia que a gente conversou, eu tive uma crise de ansiedade assim, sabe? "Ufff, meu Deus", tipo, que te dá dúvida mesmo. De você falar: "Putz, será que era hora? Será que não é?" E depois foi passando os dias e aí eu falei assim: "Putz, não, eu tô a fim mesmo de fechar o ciclo para mim. Porque eu sei que é uma história que tem a ver com a história do Brasil, mas para mim eu preciso dar um fechamento", sabe? De tipo, parece que se eu falar, se eu colocar para fora, um pedacinho vai fechar um pouco, sabe?

Bia Guimarães: Ok, ela tava a fim, ela tava sentindo que saber mais ia ajudar a fechar o ciclo dela. Mas, mesmo assim, eu tinha receio de falar alguma coisa que fosse longe demais. Alguma coisa sobre o avô dela que ela nunca tivesse lido ou imaginado, e que fosse deixar ela ainda mais confusa. Ainda mais angustiada com essa história do que ela já tava antes.

Bia Guimarães: Mas, se em algum momento você achar que está muito pesado para você, que você queira parar, enfim, alguma coisa do tipo, você me avisa.

Luara de Souza Ferreira: Tá.

Bia Guimarães: A gente começou conversando sobre a história do Padre Marcelo Carvalheira. E sobre como a casa da história dele era, muito provavelmente, aquela casa de vó onde ela cresceu. Sobre como aquela mulher provavelmente era, sim, a avó dela. E aquelas crianças provavelmente eram o pai e a tia dela. Sobre como a distância entre os personagens não era tão grande quanto parecia – ou como, na verdade, não tinha distância nenhuma.

Bia Guimarães: E ele se questionava: "Como o marido carinhoso e pai atencioso podiam coexistir no torturador frio e implacável."

Bia Guimarães: Daí a gente falou com mais detalhes sobre a cena da batina e a cena da notícia da morte do Marighella...

Bia Guimarães: São momentos que revelam um lado debochado dele, assim, o lado dele de...

Luara de Souza Ferreira: Sádico...

Bia Guimarães: É.

Bia Guimarães: E eu contei que eu tinha encontrado indícios de tortura envolvendo o avô dela mesmo antes do golpe militar, quando ele era um delegado de polícia comum. Tipo uma vez, em 1963, que ele teria dito – rindo – que não podia soltar um suspeito porque eles tinham batido tanto no cara, que ele não conseguia parar em pé.

Bia Guimarães: E que mostram que ele já fazia práticas de tortura naquela época.

Luara de Souza Ferreira: Uhum.

Bia Guimarães: Eu também falei dos relatos que lembravam do avô dela como alguém que parecia ter preferência por torturar mulheres.

Bia Guimarães: De mulheres dizendo que o tipo de coisas que o seu avô ou a equipe dele fizeram com elas em termos de tortura, então...

Bia Guimarães: Mas a reação da Luara não foi exatamente a que eu tava esperando.

Bia Guimarães: Muda alguma coisa para você?

Luara de Souza Ferreira: Não, para mim era esperado.

Bia Guimarães: Eu não tava esperando isso. Mas ela tava.

Luara de Souza Ferreira: Assim, nada do que eu achava que ia ser muito diferente.

Bia Guimarães: Aí eu entendi que o que a Luara tava querendo, pra começar a fechar esse ciclo, era uma chance de falar disso, de quebrar o silêncio, de jogar pro mundo... não era uma chance de descobrir alguma coisa. Porque a descoberta ela

vem tendo, em ondas, desde os 15 anos – quando ela levou aquele susto no enterro do avô, e quando ela ouviu o apelido "Pudim" pela primeira vez.

A Luara tá com 38 anos. Já faz mais tempo que ela convive com o Pudim do que ela conviveu com o avô dela. A maior parte dessas coisas que eu tava trazendo pra ela, ela já sabia. Talvez com um pouco menos de detalhe, talvez sem tanta confirmação, mas ela sabia. Entre a nossa primeira e a nossa segunda conversa, ela se deu conta de que ela tá convivendo com um sentimento novo. Se antes ela tava se perguntando sobre a fronteira entre o avô dela e o Pudim, ou por que ele fazia o que ele fazia, a pergunta que tá falando mais alto agora é: e isso importa?

Luara de Souza Ferreira: Você quer saber se é intencional ou não e, no final – assim, pelo menos o meu fechamento de ciclo – tipo, não vai fazer nenhuma diferença, não vai fazer nenhuma diferença. Porque os acontecimentos, as coisas que acontecem fruto desses comportamentos, eles vão ser o mesmo se é intencional ou não, sabe?

Bia Guimarães: A Luara se deu conta de que não tinha como separar em caixinhas. Nem o apelido, nem o tempo, nem o espaço são capazes de separar um do outro. Nem de apagar o que aconteceu. A frase que a mãe da Luara tinha dito pra ela depois daquele enterro era real. Era literal. "Teu vô é o Raul Ferreira Pudim".

Bia Guimarães: E se o seu vô estivesse vivo, se você pudesse encontrar ele hoje, você perguntaria alguma coisa diferente...

Luara de Souza Ferreira: Tudo.

Bia Guimarães: Tudo?

Luara de Souza Ferreira: Nossa, Bia, tudo. Se eu tivesse, se naquela época eu tivesse a maturidade que eu tenho hoje, eu teria perguntado tudo.

Bia Guimarães: Tem muita coisa que a Luara ainda queria saber sobre o avô. Como tinha sido a infância dele, a casa onde ele cresceu... Como ele foi parar na polícia, como ele era antes de ser delegado, o que ele pensava, se ele achava certo torturar alguém. Será que, pra ele, a época da ditadura eram os "bons tempos"? O

tipo de coisa que, não, não ia fazer diferença no resultado final. Mas que não deixa de surgir na nossa cabeça quando a gente leva aquele susto de perceber a vida que existiu antes da nossa. Do tanto de coisa que aconteceu nos lugares onde a gente cresceu, antes da gente tá lá pra testemunhar.

Luara de Souza Ferreira: Mas hoje eu faria, se tivesse um jeito de falar com ele. Mas hoje, por exemplo, eu podia fazer isso com o meu pai, por exemplo. Só que as minhas tentativas foram frustradas, sabe?

Bia Guimarães: No fundo, a Luara sabe, ou imagina, que, mesmo que ela perguntasse, o avô dela não ia dar as respostas que ela precisa. Assim como ela nunca encontrou respostas com o pai dela e com outras pessoas da família paterna depois que o avô dela morreu.

Luara de Souza Ferreira: E cansa, porque a pessoa não quer ver, então não quer ver. E deixa quieto. Mas o triste é que a gente se repete, né, a história o tempo inteiro... enfim.

Bia Guimarães: No Brasil, e em outros países que passaram por uma ditadura militar, a gente usa muito lemas como "jamais esquecer", "lembrar para que nunca mais aconteça". (E quando eu digo "a gente", claro, eu tô falando de pessoas que reconhecem que a ditadura aconteceu, e que ela deixou marcas violentas no nosso país.)

Contar e recontar é a maneira que a gente tem de tentar manter a história viva, e tentar se manter sempre alerta. A família da Luara não tem culpa do que aconteceu, não tem culpa no que o avô dela fez ou deixou de fazer. E eles não têm como voltar no tempo e refazer a história. Mas a Luara queria ter com quem dividir essa "herança". Dividir tudo que ela sente: vergonha, estranhamento, obsessão, responsabilidade, dúvida... E o incômodo com silêncios que não são só no passado, mas que continuam rondando os almoços de família.

Ela acha que nada do que gente conversou aqui – os relatos de tortura, as notícias antigas, os relatórios da Comissão da Verdade –, que nada disso ia mudar o pensamento da família dela. Algumas pessoas ainda iam negar, duvidar ou, pior, iam defender que o que aconteceu era o certo. Que o avô dela só tava fazendo o

trabalho dele pra defender o Brasil. Entre o nosso peso coletivo e o individual, existe um buraco muito mais fundo.

Luara de Souza Ferreira: Mas assim, o ciclo quem está fechando sou eu. Sozinha, mas estou fechando porque é muito difícil para mim eu aguentar tudo isso. De tudo o que aconteceu, eu sou a única que falo disso, eu sou a única que quero procurar quem foi meu avô, eu sou a única que olhe para o meu pai e pensa a mesma coisa. A única que quer falar sobre o meu irmão e quer, sabe?

Bia Guimarães: A morte do irmão da Luara foi a última e a maior das ondas que ela vem tendo desde o enterro do avô. Foi uma onda que desestabilizou ela. Claro, ela perdeu um irmão, perdeu o irmão confidente, perdeu o irmão por suicídio. E ela perdeu o irmão e nada mudou, ninguém mais se deu conta da gravidade daquele silêncio todo. Ela só encontrou mais silêncio. Nos últimos anos, a Luara tomou a decisão de se afastar da família paterna, e também daquela casa de vó onde ela tem tantas memórias. A avó dela ainda mora lá, no mesmo lugar.

Luara de Souza Ferreira: Assim, é um corte que vai me afastar dessas pessoas, que vai me afastar da vó que cortava uva para eu comer, que vai me afastar emocionalmente, da minha história, de quem eu sou, de coisas...

Bia Guimarães: Foi – e tem sido – uma decisão dolorida. Mas ficar lá também doía.

Luara de Souza Ferreira: Não tem como mudar. Eu também não tenho como ignorar e falar: "Olha, isso não faz parte de mim, essas pessoas não fazem..." Mas também existe um desejo de falar: "Olha, eu não sou igual a eles".

Bia Guimarães: Ela não é, mesmo. Ela não vai ficar em silêncio.

Branca Vianna: Essa foi a Bia Guimarães, produtora-sênior da Rádio Novelo.

Essa história foi produzida em parceria com o Brazil LAB do Instituto de Estudos Internacionais e Regionais da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos – que é uma iniciativa acadêmica que considera o Brasil um nexu planetário vital. Conheça mais em brazillab.princeton.edu

Obrigada por seguir com a gente em mais esse episódio. E você sabe que pra todo episódio do Apresenta a gente prepara um post caprichado lá no site da Rádio Novelo, com imagens e links de referência que a gente usou pra escrever o roteiro, e todo tipo de conteúdo extra que pode te interessar. No post dessa semana, tem link pros filmes e livros que a Bia consultou pra fazer esse episódio, e também prints do Facebook da Polícia Civil que mencionam o Raul Ferreira Pudim.

Aproveitando o ensejo, fica de novo o convite pra assinar a nossa newsletter – que é mais um conteúdo caprichado que a nossa equipe prepara toda semana pra você. Aliás, a gente sempre fala aqui "assinar", mas não tem que pagar nada: é só se inscrever lá no nosso site pra receber, toda semana, um e-mail esperto da nossa equipe, com uma crônica sobre o episódio que tá chegando, e ainda uma dica cultural pra animar o seu fim de semana.

Se você é de redes, vem conversar com a gente no @radionovelo, tanto no Twitter quanto no Instagram. Se você não é de redes, nosso e-mail apresenta@radionovelo.com.br tá sempre aberto pra críticas, elogios, sugestões, e, principalmente, ideias de novas histórias pra gente contar aqui.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães, a Sarah Azoubel e a Carol Pires.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pela Denise Ribeiro.

Nesse episódio, a gente usou música original de Pedro Nêgo, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

A nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

E a nossa estagiária é a Isabel de Santana.

Obrigada, e até a semana que vem.